(21260) - DESFECHOS OBSTÉTRICOS EM GRÁVIDAS COM COAGULOPATIA – CASUÍSTICA DE 2 ANOS DE UM CENTRO TERCIÁRIO

Carolina Veiga E Moura[1]; Inês Castro[1]; Inês Gil Dos Santos[1]; Graça Buchner[1]; António Braga[1]; Jorge Braga[1]

1 - Centro Materno-Infantil do Norte, Centro Hospitalar Universitário do Porto

Resumo

As coagulopatias são reconhecidos fatores de risco para desfechos obstétricos adversos.

Casuística de 2 anos de grávidas com coagulopatia (n=37) seguidas no CMIN.

A coagulopatia mais prevalente foi a Trombocitopenia Familiar (n=17), seguida da Doença Von Willebrand, Púrpura Trombocitopénica Idiopática e portadoras de Hemofilia A. Das 19 multíparas, 2 apresentavam história de complicações hemorrágicas em gestação prévia. Cinco grávidas necessitaram de corticoterapia e/ou imunossupressivos para estabilidade clínica. O valor mínimo plaquetário periparto foi de 60.000 plaquetas, a média rondou as 180.000 plaquetas. A média de idade gestacional no parto foi 39 semanas, tendo este sido induzido em 54% dos casos. A taxa de cesariana foi de 32%, metade sendo eletiva. Duas grávidas com DvW fizeram administração intra-parto de FvW. Nenhuma grávida teve contra-indicação para epidural. Houve 4 casos de hemorragia intra-parto vaginal, com resolução após massagem uterina e misoprostol retal. Foi ainda diagnosticado um caso de hemoperitoneu às 96h pós-cesariana, com necessidade de laparotomia exploradora. O APGAR médio ao 5º min foi 9. Não houve intercorrências neonatais de relevo. Onze mulheres apresentaram anemia pós-parto com necessidade de ferro endovenoso; destas, 2 necessitaram de transfusão eritrocitária.

A vigilância individualizada de grávidas com coagulopatia é crucial na melhoria dos seus desfechos obstétricos.

Palavras-chave : coagulopatia, hemorragia pós-parto, trombocitopenia